

22/1/1986

"Bóias-frias" de Guariba param novamente as usinas de álcool

Guariba (SP) — Sem incidentes e com índice de paralisação parcial, os trabalhadores rurais de Guariba completaram ontem o segundo dia de greve, mas não conseguiram abrir negociações com os empresários do setor da cana e do álcool. Eles querem elevação do preço da diária de Cr\$ 30 mil para Cr\$ 50 mil, a partir de 1º de janeiro.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, também presidente da CUT do interior, ligado ao PT, José de Fátima Soares, levantou a possibilidade de invasões de terras, caso essa reivindicação não seja atendida. "Eu pessoalmente sou favorável à idéia", disse.

Apesar dos apelos de Fátima, a CUT estadual não enviou nenhum dirigente para a região, sob alegação oficial de que a entidade está desfalcada de veículos, o que dificulta a locomoção de seus diretores.

Parcial

As informações sobre o índice de paralisação em Guariba são conflitantes. O assessor dos usineiros da região, Fernando Brisolla de Oliveira, estima que, dos 5 mil bóias-frias da região, apenas 1 mil 800 tenham aderido ao movimento. O capitão Nilton Pink, do 13º Batalhão da PM, calcula que a adesão seja de Cr\$ 40% e acha que o movimento refluíu ontem. O Sindicato dos Trabalhadores calcula que apenas 300 empregados da usina de São Carlos compareceram ao trabalho. Dos 5 mil bóias-frias, cerca de 800 estão desempregados.

O movimento de Guariba foi impulsionado pelos chamados feitores — os proprietários de caminhões que transportam os trabalhadores dos bairros residenciais até as usinas reivindicando um aumento no preço do frete, como consequência do último reajuste do preço dos combustíveis, muitos deles não saíram ontem de suas casas. Dos 36 caminhões que saem diariamente de Guariba para a usina São Martinho, apenas dois recolheram os trabalhadores nos pontos.

A greve surpreendeu os dirigentes sindicais rurais e dificilmente terá adesão dos trabalhadores das regiões vizinhas. Ontem pela manhã, presidentes de sindicatos de Pontal, Ribeirão Preto, Barrinha e Araraquara além de representantes de trabalhadores de Sertãozinho, (onde ainda não existe sindicato rural) discutiram a greve e a maioria deles considerou inoportuno o momento de sua deflagração.

No encontro dos sindicalistas, ficou claro também que está esvaziada a segunda grande bandeira de luta: emprego para os desempregados. Com a volta das chuvas, diminuiu sensivelmente o número dos desocupados na região. Em Barrinha, por exemplo, existem hoje cerca de 400 desempregados que estão à espera do início da colheita do amendoim em fevereiro. Em dezembro esse contingente girava em torno de 1 mil 500 pessoas. A terceira reivindicação, o fim do uso das herbicidas, é uma velha bandeira que defende a idéia de que os produtos químicos, ao diminuir a incidência de ervas daninhas, acabam reduzindo a necessidade de mão-de-obra no campo.

Mesa-redonda

Em São Paulo, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (FETAESP) pediu ontem a realização de mesa-redonda na delegada Regional do Trabalho para tentar resolver o problema da greve dos bóias-frias, em Guariba. A mesa-redonda foi marcada para amanhã, às

9h30min e a DRT convidará a Copersucar, o Sindicato das Indústrias do Alcool e a FAESP— Federação da Agricultura do Estado de São Paulo.

Para presidente da Copersucar, Werther Anichino, "não haverá o que negociar agora", já que está sendo cumprido o acordo anterior e novas discussões somente deverão ser iniciadas a partir de 15 de fevereiro.

— O problema é eminentemente político. A greve é extemporânea. É uma tentativa de assunção de liderança na região — disse o presidente da Copersucar, lembrando que no último dia 14 os trabalhadores das indústrias e os bóias-frias receberam antecipação salarial “espontânea” de 30%.

(Página 12)